

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL. POLITICO. NOTICIOSO. LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1200 réis
Seis mezes	600
Para o Brazil, por anno	2500
Para a Africa, por anno	1200
Numero avulso	30

Anunciam-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Anúncios—cada linha	50 réis
Repetições	20
Imposto do sello	10

Originacs sejam ou não publicadcs não se restituem.
Anuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

CAMPANHA DE DESCREDITO

Ha tempo levantou-se, sobretudo na Inglaterra, uma campanha contra o governo do Estado Independente do Congo, accusando-o de ser cruel com os indigenas, tratando-os mais como rebanhos de escravos, que como homens livres. E' muito possivel que os dirigentes do Estado congolez tenham tido mão pesada para com os nativos d'aquella vasta região africana; factos ha mesmo que mostram ter havido em varios casos extraordinarios rigor com o preto, vindo esses factos dar razão aos fautores da campanha contra os ministros do Estado do Congo e por tabella contra o rei Leopoldo da Belgica, que é quem nomeia aquelles ministros.

Julga, porem, o leitor que se trata de uma simples questão de humanidade e que os campeões do preto congolez choram a sua desgraçada sorte por philantropia, caridade ou altruismo? Isso sim. Accusa-se, chora-se e lamenta-se; avolumam-se os factos deshumanos praticados pelos belgas; da-se á campanha as maiores proporções, porque acima de tudo está essa grande luta commercial e economica estabelecida entre as nações, luta que domina todos os espiritos e prevalece a tudo.

A Belgica é uma nação essencialmente industrial; é pequena, mas rica e activa. O seu grande porto de Anvers transformou-se em um emporio, ao qual affluem de toda a parte essas mercadorias colonias, que são aproveitadas em grande escala pela industria e pela alimentação publica. Rival dos principaes portos inglezes, allemães e francezes, não é para estranhar que se olhe para o seu desenvolvimento extraordinario com ciumenta inveja, e que a campanha estabelecida contra um dos factores do engrandecimento de Anvers, o Estado do Congo, to-

me as maiores proporções, a ponto de se afirmar que não tardarão a Inglaterra, a Alemanha e os Estados-Unidos a formular um protesto energico contra as severidades pretendidas ou verdadeiras de que são accusados os dirigentes do Estado Independente.

Este protesto não deixa de ser singular, quando se sabe que a Inglaterra tem praticado com o negro da Africa do Sul e outros rigores extraordinarios; quando não se ignora que a Alemanha tinha nas suas colonias africanas auctoridades que eram a negação mais completa da humanidade; quando tambem é perfeitamente sabido que o norte-americano é despotico e rude com os povos que consideram inferiores, indios, negros, amarellos, maiaios etc.

Seja, porem, como fôr, se o tal protesto fôr por diante, a campanha estabelecida dará sem duvida senão todos, pelo menos alguns dos resultados que os promotores d'ella desejam, creando obstaculos ao commercio e industria belga.

Mas, perguntar-se-ha, que temos nós com isso? Para que havemos de tomar as dores por esse Estado do Congo, que de certo modo representa uma extorção feita ás nossas antigas aspirações colonias? Alguma cousa temos. E' que a campanha que se levantou contra o Congo Belga, está sendo promovida pouco mais ou menos de igual modo contra nós, por motivo dos serviços que de Angola vão para a ilha de S. Thomé, a fim de valorisar as culturas que alli se fazem e que são um manancial de riqueza e opulencia.

Os nossos inimigos, valendo-se dos seus jornaes, das suas revistas e até do livro, tratam insistentemente de nos denegrir, de nos apresentar como um povo que falta á fé dos tratados, admittindo a escravatura nas suas colonias e considerando o negro como uma creatura que deve estar sem-

pro sob os ferros da escravidão.

Tem-se feito todo o possível para desmentir tão malevolas asserções, mas os auctores da campanha a nada cedem. E como não de ceder, se elles querem destruir a prosperidade da ilha de S. Thomé, se pretendem acabar com a competencia do seu cacau, de todos os seus productos colonias nos grandes mercados do mundo? E' uma campanha de descredito? Que importa isso; que importa mesmo que tudo seja uma calumnia? A questão é fazer interessar a diplomacia no assumpto, e conseguir que esta ponha obstaculos á entrada do braço na ilha, dando assim um golpe profundo no seu desenvolvimento e prosperidade. Tal é o objectivo, ao qual se deve oppôr o governo por todos os meios possíveis. Pequenos como somos, da campanha ha sempre a esperar o peor. Se fossemos grandes, com certeza que ninguém ousaria intrometter-se nos nossos negocios internos. Não acontece assim infelizmente e ao governo incumbe não descansar, tomando a peito tão importante questão;

POLITICA

Os jornaes governamentais desmentem o boato de que em breve seja publicada a reforma eleitoral e Código administrativo.

Continúa portanto a dictadura. Porem os ministros d'estado honorarios do partido regenerador, reuniram no dia sete do corrente, e resolveram qualquer cousa d'importancia contra este estado politico, que ficou dependente do accordo do chefe d'aquelle partido com os dos outros do bloco.

Que será? Revolução não é, porque a opposição sabe bem, que as guardas municipaes tem as patronas cheias de balas para deitar abaixo quem se atreva a manifestar nas ruas das duas capitães, desagrado á actual situação!...

Cautela pois!...
A guerra ao governo deve ser toda moral e essa chega para o derubar, visto não ter feito uma unica cousa do que prometteu quando fôra do poder.

A opposição deve esperar com paciencia os acontecimentos e verá, como dentro em pouco, o governo tem de desmanchar tudo que tem feito de perségnição, para não morrer coberto d'odio.

Deus sabe o que já por lá vai de desgosto e arrependimento!!

Finanças

Temos lido com interesse as discussões havidas entre os jornaes governamentais e opposicionistas acerca do estado financeiro do paiz, e forçoso se nos torna confessar, que a razão está toda do lado d'esta

Ha dias um importante jornal do combate dizia sobre o caso coisas de muito merecimento, que para aqui não transcreveremos para não nos chamarem republicanos, honra que aliás não merecemos.

A verdade é, que não tendo o governo feito obras algumas a dívida subiu trez mil e tantos contos!

De toda a parte se queixam que as estradas estão em deploravel estado pelo governo as não ter dotado com os meios necessarios para as devidas reparações, e isto mais nos faz admirar que a dívida suba, e ainda porque o governo allega ter feito muitas economias!

O tempo nos illucidará sobre as nossas duvidas.

Merecidas classificações

O nosso querido amigo e digno Escrivão de fazenda n'este concelho, Ex.^{mo} Joaquim Antonio d'Oliveira Leite, obteve boa classificação para 2.^a classe.

Mil parabens ao nosso velho amigo e oxalá que em breve receba a merecida promoção.

Os intelligentes e muito dignos segundos aspirantes da repartição de fazenda d'este concelho Ex.^{mos} Alfredo Augusto Cardoso e Julio Pessoa Leitão, tambem obtiveram optima classificação para primeiros aspirantes.

Um apertado abraço aos nossos bellos rapazes pela justiça que lhes foi feita e cá fica o pão de ló de Santo Antonio e a Champanhe á espera da promoção.

Justa deliberação

O Sr. João Franco acaba de suspender a lei do descanso semanal, em parte.

Um bravo ao Ex.^{mo} Ministro.

EDITAL

Manuel Rodrigues Perdigão, administrador substituto do concelho de Figueiró dos Vinhos, por Sua Magestade El-Rei que Deus Guarde

Faço publico que pelo Ex.^{mo} Governador Civil d'este districto de Leiria foram autorizadas e mandadas tornar effectivas para este concelho as seguintes concessões acerca do descanso semanal, levado por isso os Srs. Comerciantes que tenham empregados remunerados declararem por escripto n'esta n'esta administração do concelho, dentro de oito dias que se compromettem a dar o descanso semanal a esses seus empregados.

1.º

Dispensa do encerramento das tabernas.

2.º

Dispensa do encerramento de pequenos estabelecimentos commerciaes ou industriaes explorando um ramo certo e definido de commercio e industria nas povoações onde a maioria dos estabelecimentos da mesma natureza não tiver empregados remunerados.

3.º

Dispensa do encerramento dos estabelecimentos commerciaes mixtos ou explorando conjuntamente diferentes especies de commercio nas povoações onde quanto a estes se dê o caso do numero a ter de ante.

E para constar se lavrou o presente e fidejucos que vão ser affixados nos logares mais publicos d'este concelho.

Figueiró dos Vinhos, 13 de novembro de 1907.

O Administrador do Concelho
Manuel Rodrigues Perdigão.

NOTICIARIO

A esposa do nosso assignante e amigo sr. Francisco Simões Agria Junior, deu á luz no dia 12 do corrente um formoso menino.
As nossas felicitações.

FOLHETIM

GEMAS

(Conclusão)

Decorreram dous annos, durante os quaes Gervasio trocou as mais apaixonadas cartas com a noiva amada, cartas escriptas da Africa, para onde fôra com um batalhão do seu regimento, a fim de manter o prestigio da bandeira nacional nos confins d'aquelle continente negro, arriscando a vida a cada momento, debaixo d'um sol ardente e enervante.

Apezar d'isso, quantas esperanças, quantos sonhos cor de rosa e que Gervasio ingenuamente exunha nas cartas, pondo n'ellas todo o fervor da sua alma, saudo a dos dias passados na aldeia querida, que jamais lhe sahia da lembrança, pois tinha n'ella tudo quanto mais amava no mundo, os paes, os irmãos, a noiva estremecida, o proprio solo que regara com o suor do seu rosto no meio das carceiras da lavoura, os companheiros das romarias e serões e a miragem d'um porvir sereno e tranquillo.

Não se passava dia sem que Gervasio não se entregasse na sombra espessa das florestas africanas, aos calculos que todo o soldado faz: Só

Tem estado n'esta Villa, hospedado no Hotel Commercial, o digno e conceituado Commerciantes da praça de Lisboa. Ex.^{mo} Manuel Lopes Simões Ideias.

Esteve n'esta Villa nos dias 13 e 14 do corrente o digno director Telegrapho-postal do districto.

Veio resolver umas duvidas sobre a caixa do correio em Aréga.

O nosso assignante e amigo Sr. Carlos Liborio, foi despachado Escrivão d'este districto de paz.

Muitos parabens.

Os ultimos dias de sol tem secado milhares de decalitros de milho. Veio tarde mas ainda produziu grande beneficio.

A PAPOULA

Eis uma flor bastante vulgar entre nós, havendo até algumas variedades que se cultivam nos jardins, devido ao tamanho da corolla e ao colorido das petalas.

A papoula que em latin se chama *papaver*, é uma planta da familia das papaveraceas, herbacea, annual, dando um succo branco e leitoso. Ha diversas variedades, entre ellas a papoula soporifera ou dos jardins, que é annual; a papoula oriental, de flores vermelhas com uma mancha negra; a papoula dos campos; a dos Alpes, que é amarella e outra ainda, mas que são menos conhecidas que as precedentes.

De toda a familia das papaveraceas, a papoula soporifera é a mais conhecida. As propriedades que possui de fazer adormecer, eram já conhecidas desde a mais alta antiguidade. Os persas, os gregos e os romanos faziam com essa papoula, com a farinha que extrahiam da semente, um bolo muito procurado, que amassavam com mel. Presentemente, ainda se encontra esse uso em algumas localidades da Italia e da Alemanha.

A papoula soporifera, como não se ignora, exhala um cheiro desagradavel. A raiz, considerando o tama-

nho da planta, é pequena e fragil. O caule é grosso e forte, ramificando na parte superior. Apresenta flores grandes geralmente de um vermelho violaceo ou brancas. Antes de desabrochar, os botões estão voltados para o chão.

Esta variedade é muito cultivada, não só como planta de ornamentação, pois com a cultura as flores adquirem formas dobradas e matizes variados, mas tambem por causa da sua utilidade nas artes e na therapeutica.

A medicina utiliza esta e outras papaeraceas, porque fazem parte das plantas chamadas pitoraeas. As petalas são empregadas como calmantes. Da papoula soporifera extrahese um veneno violento, universalmente conhecido pelo nome de opio. O opio é o succo espesso da capsula d'esta ultima papoula.

Obtem-se o opio apanhando o succo que escorre das incisões feitas nas capsulas ou cabacinhas que contêm a semente. Este succo torna-se rapidamente espesso ao contacto com o ar, formando o opio em bruto do commercio. Possui uma cor avermelhada e um sabor acre. Quando de qualidade inferior a cor é branca.

Pouco mais ou menos o opio tem as mesmas propriedades da morfina. Dez partes de opio actuam como tres de morfina. Tomado em pequena dose, provoca uma ligeira excitação. Em dose mais forte, superior a 2 centigrammas, a excitação torna-se mais viva, sendo seguida de depressão phisica e de nauseas, quando não são vomitos. Na dose de 25 centigrammas, o opio provoca somnolencia e até somno persistente, acordando-se com dores de cabeça. Esta ultima dose pôde ser mortal em certos individuos.

Acontece, porém, com o opio o mesmo que succede com o tabaco. Os que se habituam ao opio, chegam por vezes a absorver doses consideraveis.

Ha quem fume o opio e ha tambem quem o masque. Os que o mascam reconhecem se logo pelo seu emgrecimento, cor amarella e olhos febrilmente brilhantes; os que o fumam, não se embrutecem tão de-

pressa, mas com o tempo tambem se evidenciam os terriveis effectos do opio.

Utilisa-se como soporifero nas nevralgias, colicas e outras doencas dolorosas. Utilisa-se igualmente nas gastrites, diarrhea, vomitos, bronchite e diabetis. Evita-se, porem, recital o ás creanças, mesmo em doses muito diminutas.

Os povos orientaes procuram no opio uma embriaguez voluptuosa, que lhes aniquila rapidamente as faculdades phisicas e intellectuaes. Apesar d'isso, o opio está de tal modo divulgado no Extremo Oriente, que o governo chinês deliberou considerar os fumadores de opio como grandes criminosos, decretando a pena de morte contra elles.

E' evidente que medida tão violenta não obstará a que os fumadores continem a antisfazer o vicio, e não em publico, pelo menos secretamente.

SECÇÃO ALBERE

BAGATÉLAS

Nas proximidades d'uma caudalosa ribeira, que beijava os pés a duas enormes montanhas e em sitio muito distante de povoado, havia um moinho aonde vivia uma pobre mulher a quem uma grande cheia tinha submergido o companheiro fiel da sua existencia.

Este homem era moleiro e a viuva continuou a exercer a mesma profissão, tendo por unica companhia um filhinho d'oitto annos, que ella adorava doidamente por ser o retrato fiel do pae.

Estava-se no mez de dezembro e em uma noite do tamanha tempestade que obrigo a mulhersinha a suspender a laboração do moinho, derrégando a agua da levada, para evitar que o pequeno cazebre fosse arrastado pela impetuosidade da corrente.

Como n'essa noite não tivesse de vigiar a moagem do pão, deitou-se junto do filho, que ella conchegou ao peito como para o metter no coração e assim adormeceu.

sorriso angelico.

Estou satisfeita—disse com voz quasi extincta.—Parecemo nos como no dia em que elle partiu.

Agora ouve-me, minha Rosinha.

—Fala, Maria—respondeu Rosinha, que não pode conter uma lagrima, ao beijar a irmã na face febril, lagrima que foi como um refugio para o coração da moibunda.

E' preciso que Gervasio, não saiba a verdade, pois soffreria immenso... Imagina o que sentiria quando alegre e satisfeito do seu regresso lhe dissessem: A tua Maria deixou d'existir! oh! Seria um d'esses golpes de que a muito custo se restabeleceria!... Ama-me tanto que não quero que passe por semelhante dor.

A moribunda calou-se. A respiração tornava-se-lhe arquejante. Um pouco mais allivada, proseguia com voz que parecia um sopro.

—Não, não quero que soffra... Ao sr. Abbade e a todos dirás que quem morreu foste tu e não eu. Cumpres esta minha derradeira vontade, Rosinha? Vestir-me has o teu vestido de laços azues e d'esta maneira, quando me levarem para o cemiterio, dirão: E' Rosinha dos laços azues que morreu... Gervasio acreditará... Bem sei que ha de chorar a sua amiguinha Rosinha, mas com o tempo consolar-se-ha ao pensar que

me faltam dezoito mezes, quinze, oito, cento e vinte dias, noventa e assim por diante.

Para o pobre e saudoso soldado o tempo parecia decorrer lentamente. Só nos dias de combate, de assalto ás senzalas dos negros rebeldes, em que se exunha a vida ás balas e tambem ás azagaias do inimigo, é que Gervasio deixava de ter a imaginação torturada pela acerba saudade da patria e de todos os seres que tão queridos lhe eram.

Entretanto, pouco a pouco, o momento desejado, aquelle em que ficaria livre ia se aproximando. Ainda assim a impaciencia do pobre soldado era cada vez maior. Na sua anciedade parecia-lhe que nunca chegava o momento redemptor, aquelle em que poderia amar, trabalhar, viver na ineffavel alegria de dous corações que se comprehendem e fazem a offerenda reciproca do que tem de melhor, de mais querido e sagrado.

Continuará a usar o laço cor de roza para melhor a distinguir? Perguntava Gervasio a si proprio.

Certamente, pois por cousa alguma do mundo Maria se dispensaria d'aquelle signal que o bem amado levava gravado na memoria e no coração. Cor de roza o d'ella, azul o da irmã. E Maria não deixava de se ataviar com elle nos dias de festa,

nos domingos, como se sentisse naquella fita enlaçada a alma do seu namorado.

Por fim, chegou á aldeia a ultima carta de Gervasio annunciando o regresso definitivo e designando o dia em que largaria a Africa com destino á mãe patria, a bordo d'um transporte de guerra.

Ora no dia em que chegou a carta, a pobre Maria adoeceu gravemente em consequencia de uma congestão pulmonar.

Chamado o medico, bem quiz este atalhar os progressos da doença, mas todos os seus esforços foram baldados.

A doente reconheceu ao sexto dia que estava perdida e que não podia restar-lhe a menor esperanza de vida. Ao anoitecer a derradeira agonia começou a contrariar-lhe as feições, que ainda conservavam as linhas puras e formosas dos dias de saude ainda que amiaçadas pela pallidez da morte que se aproximava.

Roza—murmurou, dirigindo-se á irmã, que estava tão pallida como ella—dá-me o espelho.

A joven obedeceu. Durante dous minutos, o olhar da moribunda vagueou da irmã para o espelho e d'este para a irmã. Em seguida, o rosto reteinou a serenidade habitual e nos labios esboçou-se um

Seria uma hora da madrugada accordou a pobre da mulher ao ladrar d'um pequeno cão que dormia debaixo d'uma cabana junta do moinho ouvindo em seguida o estampido d'um tiro que calou para sempre a voz do animal.

A mulhersinha, ao ouvir o tiro, assentou-se na cama, e sem dar um unico signal de existencia, aguardou os acontecimentos. Momentos depois sentia passos e sussurro de vozes que se encaminhavam para o cavouco do moinho, parecendo-lhe que para alli tiuha sido arremessado qualquer coisa. Seguidamente sentiu que os passos se afastavam não tornando por muito tempo a ouvir mais coisa alguma a não ser o piar do mocho que, de quando em quando, vinha agravar o susto da pobre mulher.

Seriam tres horas da manhã quando a boa da mulher se levantou e accendendo a lanterna foi observar por umas aberturas que existiam ao lado das mós, se no cavouco havia qualquer coisa que pudesse embarçar o seu movimento; notando então que se achava alli um homem em estado afflictivo. Correndo á cama levantou nos braços o filho, que obrigou a acordar e animada com aquella innocente companhia desceu por uma pequena escada interior ao fundo do cavouco, encontrando ali um pobre homem maneatado de pernas e braços e com uma mordaga na bocca que o não deixava articular uma unica palavra.

Tirando da larga algibeira uma navalha cortou immediatamente a mordaga e as outras prisões, que privavam o desgraçado dos seus movimentos e arrancando-o com degnado esforço assentou o em cima da pedra aonde trabalhava o eixo do moinho e embrulhou o em uma manta que ella havia levado pelas costas.

Momentos depois co negou a sentir que o desgraçado ia recuperando os sentidos de pouco em pouco, conseguindo então auxiliá-lo na subida da pequena escada e leitá-lo sobre uma porção de palha de trigo que alli havia, aonde o pobre homem se conservou por muito tempo sem pronunciar uma unica palavra.

o destino poderia arrebatá-lhe a noiva em lugar de ti... Amar-te ha como me amava a mim, e creará que terá sempre ao seu lado a pobre Maria... Sereis felizes, muito felizes e eu tambem por pensar que não serei conpleta mente morta para elle.

E epoz um suspiro, que se diria o derradeiro, acrescentou baixinho, quasi imperceptivamente:

—Cu npres esta minha suprema ventade, Rozinha? Sim soluçou a irmã, com os olhos razos de lagrimas.—Assim o juro!

Momentos depois, sobre o branco travesseiro repousava o rosto inanimado de Maria parecendo reflectir essa expressão de serenidade profunda que reves e o somno eterno das Virgens.

Um mez depois Gervasio, ainda com o rosto crestado pelo sol d'Africa, ajoelhava aos pés da cruz de granito que encabeçava a sepultura de Maria, e nos braços da qual fluctuava um laço azul, que chuvas recentes tinham feito desbotar, mas que para o pobre rapaz ainda conservava o reflexo do celestial azul de muita esperanca e illusão.

Ao lado d'elle estava Rozinha que, passado o luto devia unir o seu destino ao homem amado d'ella e da se.npre saudável Maria.

FIM

Entretanto foi a boa da mulher aquecer uma pouca d'agua e deitando-lhe uma colher de mel obrigou-o a beber.

Rompia a manhã e o desgraçado ainda cheio de susto pediu á mulhersinha para que com o filho o fosse acompanhar ao logar mais proximo afim d'elle alli a contar o que lhe havia succedido.

Marcharam os tres por escabrosos atalhos e dentro em trinta minutos estavam debaixo do alpendre de Santa Eufemia do logar de Marmelães, aonde se juntou muito povo para ouvir o bom do homem que contou— Ter ido ao districto para arrematar uns bens levando para tanto uns dezoze contos de reis, mas que não se tendo effectuado tal arrematação, e parecendo-lhe que ainda podia encontrar a diligencia que passa no logar do Mélo ás nove horas da noite, para alli se havia dirigido, porém, no caminho, fora surpreendido por uma quadrilha de ladrões que além de lhe roubarem tudo que levava, ainda o foram deitar no cavouco do moinho para ser alli triturado no seu movimento, se não vem e a seu socorro a boa mulher que o acompanhava.

Esta descripção emocionou toda a gente e varios rapazes se promptificaram a acompanhar á sua quinta o bom do homem, aonde a desolada familia o abraçou cheia de satisfação pois estava com grande receio de que o tivessem morto.

A todas as pessoas que acompanharam o bom do homem foi offerecido um bom almogo e á moileira uma propriedade de casas aonde ficou vivendo com o filho, recebendo uma mensalidade de quinze mil reis que só terminou com a morte do ultimo.

GAZETILHA

Que San Bento se não abre —Corre agora com tensão — Nem mes.ão a ponta de sabre, Porque o sabre... é do João.

E portanto o parlamento —Ansioso por falar— Já que não palra em S. Bento, Ao Porto tem que ir palrar.

E alli, com toda a cordura, Legislará á vontade Contra a actual dictadura Que lhe esgana a liberdade.

E, sempre activo e correcto, Da obra do que ora rege Só poupará o Decreto Que aos bons op'arios protege:

Porque protege o trabalho A quem el já vinha amando E dava o seu rodvalho Para a fome ir enganando.

Mas que além d'este nem meio Alli será approvado: Que de Governo tão feio Tudo o mais... será rasgado!

Pero, a par d'esta versão, Não faltam outras versões: Até dizem que «malhá» Se não furta... ás eleições...

Que ou «perderá» com certeza Ou decerto «ganha.ás», Apezar da guerra acceza Que o «blóco»... lhe moverá.

Mas seja lá como fôr, Em qualquer dos cazos, Carta: Logo, adeus ao Dictador E liberdades á farta!...

Calino.

ERRATA

Na 3.ª quintilha do numero passado, aonde se lê —Tropeçando da vindicta deve lêr-se:—Tropeçando na vindicta—.

SECÇÃO RECREATIVA

Logogripho

1—Na que não teme a Ariel 5.6,3,5 Arlharás cidade e rio. 1.2 E n'este reptil bravo 4.2.5 Stadista bom... mas cruel.

Laura Moret.

Em phrase

2—O adjectivo domestica a cidade —1.2. 3—Os animaes agrestes e a ave são utensilio de cozinha—2.2.

L. Malheiros.

Ao illustre charadista A. C. Agria

4—Esta planta na China e em Napoles é apparelho —1,1.1. 5—Restaora com mágua o partido —4.1.

6—A mulher, mulber, é mulher— 2.2.

Ao notavel charadista L. Malheiros

7—Nota que o oceano quer domesticar—1.1. 8—N'esta provincia e aqui ha este verife—2.1. 9—Na planta e no Tejo ha esta ave —2.2.

Miga & Tacos.

10—Este pão caminha, cidade—1.2.

11—O animal suspende a mulher mestiga—2,1.

12—Esta bebida e o ancão é povoação luza—1,2.

A. C. Agria.

13—O proveito já é prefacio—1.2.

14—No corpo o rio não é leve—1,2.

15—Tende compaixão do que prezamos legar—1.1.

Enigma

16— O E O H E O P 2 2 1 2 2 1 3

Biforme

17—Não é tua esta provincia—2.

Solcar.

18- R R R R A A A A A R R A M U U M M O O M A L L A A A A M M M M

Decifrações do n.º anterior

1—Jesus Christo; 2—Brites d'Almeida; 3—Ave e Eva; 4—Henrique; 5—Cremação; 6—Mariola; 7—Almofada; 8—Cacho; 9—Salario; 10—Cachopo; 11—Sofala; 12—Madama; 13—

S Á R A S O R A A Ç O R O M A R R O Ç A R A M O A R A S A R O S

O sr. L. Malheiros decifrou os numeros 2,3, 4 e 13. O sr. Solcar os numeros 1,3,4,6,13 e 14 do n.º 529. E o sr. Miga & Tacos o numero 1 do mesmo que, por lapso, não foi no passado.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

(1.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de direito de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão Jardim, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação no «Diario do Governo», intimando João Alves dos Santos, da Castanheira de Pera, mas actu lmente residente em parte incerta, para, querendo, oppôr, no pras. legal, embargos ao arresto feito a todos os bens que possui n'esta comarca, a requerimento de Domingos Corrêa de Carvalho, da Castanheira de Pera, para segurança da quantia de cento e cincoenta e quatro mil cento e sessenta reis.

Figueiró dos Vinhos, 12 de novembro de 1907.

O Escrivão

Joaquim F. de Campos Jardim. Verifiquei.

O Juiz de Direito

João Ribeiro.

TRIPA NOVA

PIMENTÃO FLOR

Qualidade especial para carnes

MANTEIGA NANDUFFE

A mais fina das manteigas

SABÃO ROZA E AZUL

1.ª qualidade

Grande deposito para revenda a preços lantadissimos

CENTRO COMMERCIAL

MANUEL LOPES BRUNO

VENDE-SE

uma propriedade na PONTE DE S. SIMÃO que se compõe de terra de pão, vinha, oliveiras e moinho de fazer farinha com tres casaes de mós.

Bello local para uma fabrica.

Quem pretender dirija carta a esta redacção com as iniciaes—M. J. M.

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

No juizo de direito da comarca de Figueiró dos Vinhos, cartorio do 3.º officio e no inventario or, hanologico a que se procede por obito de Manuel dos Santos, morador que foi no logar da Castanheira de Pera, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este no «Diario do Governo», citando para todos os termos até final do n.º smo inventario, e sem prejuizo do seu andamento, o interessado Caetano dos Santos, soldado militar, auzente em parte incerta na Africa.

Figueiró dos Vinhos, 30 de outubro de 1907.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

João Ribeiro.

O Escrivão

Elycio Nunes de Carvalho.

CASA GODINHO
SUCCESSOR
MANUEL G. SANTOS
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ARTIGOS D'INVERNO

No vosso proprio interesse não deveis comprar artigos d'inverno sem ver o bello sortido que o proprietario d'esta acreditada casa está organisando e que está recebendo dia a dia, e os preços convidativos porque vende todos os seus artigos.

Saldo em todas as fazendas de verão para dar lugar ao sortido d'inverno.

Enorme sortido em tudo.

Enviem-se amostras gratis a quem se dignar pedi' as.

Brindes valiosos a todos os Ex.^{mos} Freguezes.

HOTEL CUNHA

AOS visitantes d'esta fermosa Villa, se recommenda o **Hotel Cunha** pelo seu bom tratamento, boas accomodações e esmeradissimo asseio.

Preços convidativos.

O Proprietario

João Pedro Godinho
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Nota.—Este «Hotel» fica proximo da Alquilaria do Sr. José Teixeira d'Araujo.

CANTEIRO

Manuel de Freitas, com officina de canteiro em Loureira (Alvaiazere) fornece cantarias para todos os pontos que lhe sejam pedidas.

Preços fixos. **110 réis** por palmo lizo, e moldada, e n'or ne os desenhos apresentados pelo freguez.

DEPOSITO DE TABACOS

E

PHOSPHOROS

Agencia de vendas para a circumscripção que comprehende os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaiazere e Ancião.

Venda de todas as marcas de tabaco picado, cigarros e charutos da tabella da Companhia.

Charutos estrangeiros das acreditadas marcas «La Casa», «Mignon», «Melitas», «La Mar» e outras para 50, 60, 80 e 100 réis.

Descontos aos possuidores de licença de venda.

Correspondente de diversas casas bancarias.

Cobrança de letras sobre todas as terras do paiz e pagam-se saques do Brazil e Africa, cheques sobre Londres e outras praças no estrangeiro.

Seguros contra fogo.

Agencia da Companhia de cigarros «Tagus».

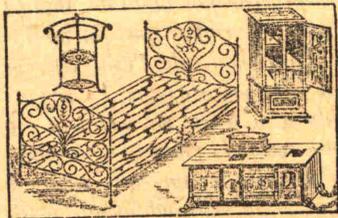
José Manuel Godinho.

NA LOJA
DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000,

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios). ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.

—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros) para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOAO LUIZ JUNIOR
Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Companhia de Thomar)

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, esmerulhando-se no asseio.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepcionaes para esta terra.

— CAZA DO BARATEIRO —

Esta caza commercial, situada por baixo do **Hotel Commercial**, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — *João Luiz Junior*, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

↗ Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são **800 réis** por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por **200 réis**.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

EM

PEDROGAM GRANDE

Grande deposito de
adubos chimicos

Aos revendedores fazem-se descontos

O Proprietario
Manuel Rodrigues

As Pupilas do Senhor Reitor

Romance de Julio Diniz

Condições da publicação:

Esta sumptuosissima edição consta de um volume illustrado com **30** magnificas agiarelas a côres, originaes de Roque Gameiro, executadas por um novo processo completamente desconhecido em Portugal e **127** gravuras a preto, intercaladas no texto, e um soberbo retrato do auctor. O formato é o mesmo do prospecto distribuido e o papel é de qualidade egualmente superior; o texto é em typo elzeviriano inteiramente novo e elegantissimo, e a impressão deveras aprimorada. Nas iniciaes de cada capitulo empregam-se letras caprichosamente ornamentadas que entram no numero das illustrações.

Apesar das enormes despezas de publicação tão monumental, o preço dos fasciculos é apenas de

300 réis cada um, em Lisboa e Porto pagoso no acto da entrega

Nas demais terras do paiz, pagamento *adeanado* ás seras de dois, tres ou mais fasciculos. As despezas da remessa são á custa d'*A Editora*, e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 de cada mez.

Pedidos de assignatura podem ser feitos a

A EDITORA

Administração em Lisboa—Largo Conde Barão, 50

Filial no Porto, Lelo & Irmão, Carmelitas, 144